

Arqueólogos Subaquáticos

Alexandra Figueiredo

alexfiga@ipt.pt

Instituto Politécnico de Tomar



Introdução

O mar sempre exerceu uma forte atração no Homem, quer pela sua magnificência singular e grandiosidade, quer pela exploração de novos mundos, meio e seres.

Por variadas razões, o Homem começou, aos poucos, a tentar desvendar os seus mistérios. Ao verificar a sua riqueza e beleza infindável não mais parou na descoberta e invenção de métodos e técnicas para o navegar, na análise meticulosa dos seus habitantes, na exploração das matérias-primas que este oferecia, na pesquisa do tipo de ambiente que o integra e na compreensão do mundo subaquático.

Passo a passo, foi navegando e submergindo.

Para traz deixou história, vestígios e uma vida.

A sociedade contemporânea é fruto destas investidas e está absolutamente marcada por esta tradição. Durante séculos estruturou-se em torno do mar, dos recursos fluviais e das suas potencialidades e esta relação possui uma dimensão absolutamente relevante para o nosso futuro.

Neste sentido, dentro da semana da Páscoa, de 7 a 17 de abril de 2014, desenvolvido pela Academia da Ciência, Arte e Património, do Instituto Politécnico de Tomar, destinada a crianças e jovens adolescentes desenvolveu-se a atividade **Arqueólogos Subaquáticos**, pelo Laboratório de Arqueologia e Conservação do Património Subaquático. No âmbito desta atividade pretendeu-se demonstrar o que é a arqueologia subaquática, que tipo de património pode ser observado no mundo submerso, quais as técnicas e ferramentas usadas pelos investigadores e como e que tipo de trabalhos são desenvolvidos.

Sabias que se conhece melhor a lua que o mundo subaquático!

Esta afirmação que foi colocada aos jovens participantes foi o ponto de partida para explicar a imensidão e o desconhecimento existente do fundo marinho, dos seus seres e do património cultural que ele guarda. Compreendidos alguns conceitos básicos sobre o património cultural subaquático, como ele é entendido pela legislação portuguesa e defendido pela UNESCO, apresentamos de forma dinâmica e atrativa alguns sítios que podem ser observados e visitados no nosso território.

Relativamente ao Património explicou-se que ao longo dos tempos a paisagem foi mudando submergindo e alterando linhas de costa e ilhas, formando penínsulas ou separando territórios. Com estas alterações, o Homem que ocupava estas zonas foi obrigado a deslocar-se para outras, deixando para trás inúmeros vestígios do seu passado, que jazem agora submersos. Também a exploração da navegação para mobilidade e travessia dos mares e rios, as ocorrências de naufrágios provocados por ações naturais ou humanas e todas as incursões ao fundo marinho são testemunhos de uma história que o arqueólogo subaquático investiga. Este, munido de equipamentos próprios de submersão, alguns apresentados e experimentados pelos participantes durante a sessão (ilustração 1), permitem adaptar o Homem a este novo mundo e desvendar os mistérios que ele encerra.



Ilustração 1 – Fotografia de algumas crianças participantes.

Usar escafandro de mergulho não basta para fazer arqueologia.

É necessário conhecer os melhores métodos e técnicas de reconhecimento, interpretação e recuperação do património cultural, daí que fazer arqueologia subaquática é uma ciência que usa um método que atende ao maior rigor possível, desde o seu planeamento logístico ao tratamento de dados, usando de acordo com os avanços tecnológicos, as mais modernas ferramentas informáticas.

Nesta ótica os alunos foram convidados a ver um minidocumentário, com reconstruções tridimensionais de objetos e estruturas de um naufrágio integrado num projeto desenvolvido com a colaboração do Laboratório de Arqueologia e Conservação do Património Subaquático e que serve de sítio-escola prática aos alunos em formação de arqueologia subaquática. Viram-nos atuar, submergir, respirar debaixo de água, recuperar e tratar objetos, registá-los e desenha-los, para no fim interpretar os dados e construir o puzzle histórico.



Ilustração 2 – Tipo de materiais e estado de um pequeno recipiente cerâmico recuperado num dos trabalhos intervencionados pelo laboratório (proveniência: Brasil) e imagem de um aluno - arqueólogo do curso de Pós-graduação de Arqueologia Subaquática, a desenvolver pesquisa num naufrágio afundado ao largo de Tróia (projeto: Tróia I).

Comunicar de baixo de água é divertido

Por fim, foram ensinados aos alunos alguns sinais usados internacionalmente no mergulho e experimentada uma conversa “subaquática” com os mesmos.



Ilustração 3 – Sinal de OK/Tudo bem usado na linguagem subaquática.

Considerações finais

Este tipo de sessões desenvolvidas pela Academia da Ciência, Arte e Património, do Instituto Politécnico de Tomar têm permitido um crescimento científico dos jovens, que de forma descontraída e animada, são acompanhados por investigadores, permitindo ocupar produtivamente os tempos de pausa escolares. Neste sentido estas atividades são excelentes meios pedagógicos não só para demonstrarem potenciais futuros caminhos profissionais aos participantes, como também para formar uma mais próspera sociedade do conhecimento.

É com vista a uma comunidade mais responsável nas práticas cívicas da preservação do património que convidamos todos os participantes a embarcar nesta aventura subaquática.